

OS SISTEMAS IDEALISTAS POST-KANTIANOS (Coleridge - Hegel)

Como pode surgir o idealismo metafísico do sistema de Kant cujo nome ficou associado a um empiricismo em relação às pretensões metaf. de um conhecimento teórico sobre a realidade como o todo ou de qq. conhecimentos realidades q. não seja a estrutura q. prói do conhecimento e a experiência humana? Para ver o desenvolvimento do idealismo a partir da fil. crítica, partimos da noção kantiana de coisa em si: por 1 lado a afirmação de coisa em si é exigível como causa do elemento dado ou material da sensação; por outro lado o conceito de causa não pode ser empregado para entender o novo conhecimento para além da esfera da fenomenos. Kant tem mantido a "coisa-em-si" como noção problemática e limitadora, entidade oulta, incongruável, independente do capt. nto.

A fil. crítica deve transformar-se em idealismo e portanto os objetos, na sua totalidade, em produtos do pensamento consistente. Ao nível da consciência vulgar encontramos ~~um~~ um mundo de objetos que um affectum de senti-

de'ss'inos modos e que eu, espontaneamente, penso que
 existem independentes do meu pensamento e de
 minhas vontades. O filozof idealista alem impoem em
 un'nal da consciencia e expor o processo da act'vidade
 inconsciente q' a fundamenta. Por ai'nda mais: a
 producao do mundo nao deve ~~intencionalmente~~ atribui-
 -se de forma alguma a, em individual, ^{finite} mesmo a
 sua act'vidade inconsciente; de outra forma nao fugi-
 ria ao relativismo, por'ois esta, ~~insumbertavel~~. Logo
 o idealista post-kantiano e' obrigado a ir ^{para} alem do
 eu individual, do sujeito finite, para uma intelligencia
 super-individual, para o sujeito absoluto.

Que significa sujeto neste registro: apenas quer
 indicar q' o principio produtor ultimo se encontra,
 por assim dizer, de lado do pensamento. Considera-
 do em si mesmo o principio ultimo nao tem
 objecto; e' o fundamento da relacao sujeito-objecto
 e em si mesmo transcendente esta relacao. E' identico

de sujeito e objecto, e' a actividade infinita de que procedem ambos.

O ideal. post-kantiano e' uma metafisica. Fielte, cronologicamente o primeiro idealista, parte da extracção de K e converte-o em transcendental de K. num principio metafisico, expondo q' ele em abstracto não se e em finito individual. Outros idealistas, p. ex., Hegel não tomam a palavra "eu" neste sentido. Para Hegel o principio ultimo e' a razão infinita, o espirito infinito e p.º o idealismo metaf. em geral a realidade e' o processo de autoexpressão ou auto-manifestação do pensamento ou razão infinita.

Dizer q' a realidade e' o processo de auto-manif. do pensamento é signif. reduzir o mundo a o processo de pensamento no sentido individual. O pensamento ou razão abstracta e' considerada como a actividade, como uma razão productiva que se expressa q' si mesma no mundo. ~~O ideal. metaf.~~ O mundo converge todo a realidade que vemos q' possui. O ideal. metaf. não implica q

tese de q̄ a realidade empírica está condicionada
 por ideias subjetivas; antes dispõe a visão do
 mundo e do hist. humano como a expressão objec-
 tiva do espírito humano.

Está em o processo de transp. o criticismo hegeliano
 em idealismo. Tratando-se agora de explicar o
 que significa dizer q̄ a realidade é, processo de
 pensamento criativo, temos diferentes interpretações
 conforme as diferentes visões particulares dos fil. idealistas.

Assim, pelo facto de Fichte estar sob a sup. directa
 de Kant, a influência desta sobre foi mais forte em
 Fichte do de Schelling e Hegel. Schelling precedeu os
 outros pois do pensamento de Fichte e o idealismo
 abstracto de Hegel, Fichte e os primeiros passos de Schelling.
 Mas visto sobretudo o idealismo alemão preceder o
 fil. critico.

A transformação do pit. kantiano numa metáfora da realidade implica alterações importantes. Com a eliminação da coisa em si o mundo converte-se em auto-manifestação do pensamento ou da razão e portanto a distinção entre o prion e o posteriori perde o seu carácter absoluto. As categorias deixam de ser formas subjetivas da compreensão humana para se transformarem em categorias do real, recuperando a objectividade.

O juízo teleológico já não é subjectivo como em Kant, visto q' num idealismo metafísico a ideia da finalidade da natureza não pode ser um princípio sensitivo ou regulador do espírito humano. A natureza transform-a nas experiências do pensamento ou razão no seu movimento para um fim; deverá possuir carácter teleológico.

Os idealistas post-kantianos não foram idealistas subjetivos, no sentido de sustentarem que o espírito humano só conhece os seus próprios ideais como distinções

das coisas existentes extramentalmente. Nem foram idealistas subjetivos por dependerem e serem os objs. do conhecimento tão absolutos do ser. Nenhum finito. Já vimos que, mesmo finito ao mesmo em como princípio primeiro, como sujeito produtivo, não se refere a um em finito como tal, mas a um em absoluto, princípio transcendental e super-individual. O mesmo em Schelling como em Hegel, em e as coisas não se podem reduzir a produto do espírito individual finito.

A verdade, no idealismo alemão, é considerada, como já vimos, como a auto-expressão do pensamento absoluto ou razão. E daí se há uma certa tendência a assimilar a relação causal à relação lógica de implicação, i.e., de fazer depender o mesmo empírico do princípio produtivo último como o consequente depende do antecedente e portanto o mundo provém necessariamente de princípios primeiros produtivos. O Absoluto manifesta-se espontaneamente

e inevitavelmente no mundo. A criação no tempo e limite não tem lugar.

¶ A noção da realidade como autoexplicação da razão obriga à filosofia como sistema, pois a filosofia é a reconstrução, por reflexão, da estrutura de um processo racional dinâmico; a filosofia deve ser sistematizada pois deve começar pelo primeiro princípio e mostrar a estrutura racional essencial da realidade como partindo desse primeiro. Nesse sentido, o filósofo, no plano de conhecimento reflexivo vai viver de novo o processo da auto manifestação da razão absoluta.

Tudo é explicitamente unificado p.º Hegel cuja confiança no poder e alcance da filosofia ^{é plena}. A própria história da fil. converte-se em história da auto reflexão da razão absoluta, pois é a totalidade do processo racional q' é a realidade, tornando consciência de si mesmo na reflexão filosófica do homem e mediando ela. Por outras palavras, ~~a filosofia pode ser concebida como o~~ ~~o processo conhecido de si mesmo~~

autoconhecimento do Alívio.

Trinca nenhuma problema esta' posto das outras
problemas, nenhuma verbo das outras verbos, nenhuma
forma do ser, das outras formas de ser. Então
uma forma de ser e' conclusiva-u a não o compreender.

Ha' e tipo de inteligibilidade: 1.º. Serenita, uma
coisa e' inteligivel quando e' objecto de 1 ideia clara
e distinta. Cada ideia, repouso das demais, hay
em si a sua propria inteligibilidade. A unidade
do verbo não vem das unidades de um prin-
cipio de onde se derivizam todos as formas
de ser, mas das unidades de um método
que debita, posto a pouco, o novo campo de
vista clara e distinta.

Contoposto a esta a inteligibilidade inte-
mitiva de ideias alemes:

Dizeo que 1 coisa e' inteligivel e' o que
que a sua ideia tem 1 lugar num sistema

racionais que, sem ela, seria incompleto, enquanto a ideia, instada do sistema, parecia acidental e sem razão. Portanto, explicou uma forma de ser e' coordenada-la com outras as outras formas de ser, do tal maneira que se apoie nelas e, por sua vez, ela as apoie (Pr. H. ph. allg. 97-98)

Estas considerações se são válidas para o id. al. em geral não m. particularmente pertinentes para a doutrina hegeliana, a maliza máxima de idealismo metafísico.

Outro aspecto do idealismo metafísico que ~~temos~~^a ter em conta e' o seguinte: não foi apenas resultado de uma transformação da filosofia crítica. Os três grandes idealistas - Fichte, Schelling e Hegel possuem um formação mesclada de teólogos Fichte em Jena, Schelling e Hegel no Stift de Tübingen.

Hegel chegou à filosofia a partir da teologia. Os seus primeiros escritos foram de carácter teológico e mais tarde virá a afirmar, com razão, q' o objecto da filosofia é Deus e neste caso é Deus, embora a palavra Deus ^{nesses termos} ~~deve~~ não entenda-se ~~no~~ no sentido deista. O importante é q' o p. da parábola seja o tema da unidade entre o infinito e o finito, entre Deus e as criaturas, entendendo ser o infinito no finito e o finito no infinito. Como filósofo debruça mostrar esta relação ao nível conceptual por q' ele a reflexão filosófica era um modo de compreensão mais elevada q' o modo de pensar próprio da consciência religiosa, mas a raiz do problema é, em si, de ordem inicialmente teológica.

Em Fichte ao principio preocupado com o problema kantiano da origem da consciência, mais tarde apenas a ideia de 1 vida divina infinito e desenvolva-se a tensão religiosa. Schelling afirmou expressamente que o tema da fil. era a unidade entre o divino infinito e o finito e o tema da alienação do homem longe de Deus e o seu retorno a Deus.

Idealismo e Romantismo. Por vezes aparece

a distinção do idealismo germânico como a expressão do movimento romântico na Alemanha. Ora as grandes figuras idealistas não foram, no plano conceitual, simplesmente a expressão do ideal do espírito romântico. Pelo contrário, as figuras de Fichte e de Schelling, principalmente, é que exerceram considerável influência nos românticos. Mas ainda os principais fil. idealistas nem sempre estiveram de acordo com os românticos. Claro é, no respeitante a Schelling, podemos dizer que reflectiu o espírito do mov. romântico, mas Fichte criticou duramente os românticos, apesar de estes se inspirarem nos seus ideais (a ironia em Tick, o "idealismo maior" de Novati)

O termo "filosofia do romantismo" deveria reservar-se para designar as especulações dos românticos Friedrich Schlegel e Novatis embora, naturalmente, houve também alguma afinidade espiritual entre os movimentos idealistas e românticos. Mas o espírito romântico, enquanto tal, era mais uma atitude perante a vida e perante o universo do que uma filosofia sistemática.

Começa, entretanto, os principais caracteres do romantismo alemão. Em oposição à preocupação crítica, analítica e científica do iluminismo (Aufklärung) os românticos exaltam a imaginação criadora e o papel do sentimento e da intuição. Em lugar do filósofo aparece o gênio artístico. Põe-se em evidência mais a originalidade da pens humana, do que aquilo que é comum a todos os homens; por isso se insiste no desenvolvimento livre e pleno da personalidade humana, nos valores criadores do homem e na função de todo o possível experiência humana. Daí o desprezo pelas normas universais e uma certa inclinação para o subjetivismo ético e livre desenvolvimento do eu. F. Schlegel fala frequentemente de livre prova pelo indivíduo de seus próprios ideais morais. Fichte transformava o fil. Kant. em idealismo puro. Na reconstrução sistemática da consciência usou muito a ideia da imaginação produtiva. Novelas fez seus atos ideais q' lhe faziam ver os movimentos do eu criador

Os românticos põem o acento no gênio criador, mas a concepção romântica da natureza é tb. m. importante.

A natureza não é considerada, como sistema mecânico
 o q' obriga a pôr em relevo os contrastes, as diferen-
 ças entre o homem e a natureza (p. ex. Descartes). É
 a natureza considerada como um todo orgânico, ~~essenci-~~
~~almente~~ ~~uma~~ ~~o~~ ~~espírito~~ e vivente, em união
 com o espírito, simbolada de mistério e de beleza como
 arte.

A natureza apresenta-se como um espírito ador-
 necido e o Espírito Humano é o órgão da consciência
 da natureza. Schelling tinha ideias parecidas e wh
 ele deve ter influenciado o seu contemporâneo de Tübingen,
 o poeta Hölderlin.

A natureza chega ao ponto mais elevado do seu desen-
 volvimento ~~uma~~ no espírito humano. Por isso a ^{consciência} ~~aparição~~
 da natureza, e. os românticos incluíam uma apren-
 ção do desenvolvimento histórico e cultural e do significado
 de períodos culturais anteriores, como momentos necessários
 do desenvolvimento do espírito humano. Por isso os român-
 ticos se entusiasmavam com o passado (Hölderlin - a grega,
 Novalis - a Id. Rerica). Em geral os românticos interessavam-se
 pelo popular e se manifestavam populares, como a língua

Fundamentalmente os românticos caracterizam-se pela nostalgia do infinito. Tanto a natureza como a história, tomados globalmente, são considerados manifestações da vida infinita, como numa espécie de poema divino.

Esta vida infinita, ou totalidade infinita é concebida de uma maneira fundamentalmente estética, mas o sentimento romântico do infinito com frequência era um sentimento de indefinição. Esta característica evidencia-se na tendência em apagar a separação entre finito e infinito, e na frequente fusão de filosofia e poesia, e ainda na mistura das diversas artes.

F. Schlegel chegou ao ponto de considerar a filosofia uma forma de religião e q̄ ambos se relacionavam com o infinito e mais: q̄ todas as relações do homem com o infinito pertenciam ao âmbito religioso. Neste sentido th a arte é religiosa, pois o artista vislumbra o infinito no finito ao captar e expressar a beleza.

Este sentimento de infinito é um traço comum ao romantismo e ao idealismo. A ideia de um absoluto infinito, concebido como vida infinita é fundamental na

última filosofia de Fichte. Em Schelling e Hegel
 th o tema do absoluto é central. Em geral pode dizer-se
 q os idealistas alemães tendem a conceber o infinito
 não como algo oposto ao finito, mas como vida ou
 atividade infinita, que se exprime a si mesma precisa-
 mente no finito. Exemplo disso é, como veremos, Hegel.

Embora haja uma afinidade espiritual entre o
 idealismo metafísico e o romantismo, os fl. idealistas
 ocupam-se do pensamento sistemático enquanto os
 românticos sublinham o papel da intuição e do
 sentimento e confundem filosofia e poesia.

A transformação ^{terceira} da filosofia kantiana
 em idealismo puro repõe q a realidade deve
 ser considerada como um processo de pensamento
 ou de razão produtivos. Ou seja: o ser tem que
 ser identificado com o pensamento. O idealismo
 tem por programa mostrar a verdade de
 identificação e assim poder reconstituir, deduti-
 vamente a estrutura dinâmica essencial de vida e do

pensamento ou razão absoluta.

Por outro lado derigimus eus sistemas idealistas conservam a concepção kantiana da filosofia como pensamento reflexivo, consciente de sua atividade espontânea, a reflexão deve apresentá-la como auto-consciência da razão absoluta na mente humana.

A realização deste programa topou com muitas dificuldades que não vamos neste momento enumerar. Fichte e Schelling particularizam a expressão nos seus sistemas, prova de dificuldade em realizar o programa de idealismo; pode-se dizer que com Fichte e Schelling o ser ficou reduzido ao pensamento.

Hegel foi o primeiro a fazer esforços para cumprir este programa fazendo novas exigências. Afirmou que todo o real é racional e todo o racional é real. Para ele a mente humana tem aspectos finitos, mas é infinita no sentido de ser capaz de se elevar a um nível de pensamento absoluto tal que o conhecimento que tem de si mesmo o absoluto se identifica com o conhe-

cimento tumores do albitato.

Bastam este pontu pare caracterizar por
agora o idealismo post-kantiano. Depois de
entendermos ex-justum Fichte, Schelling e Hegel,
de modo a caracterizar o seu conceito de filosofia
e ma deservimentos metódica poderiam fazer uma
relia mais ampla e profunda de estruturas
genéricas de id. alemão

Fichte

Bibliografia

Bibliografia quasi toda em alemão e de lá só
uma pequena parte traduzida p. línguas românicas

Obras publicadas: Obras choisies de philosophie
premiere, trad de Phitonenko Paris 1964 (contem
as exposições mais acuradas da teoria da ciência)

A grande obra crítica (ver no ind. fil) esta' agora
a sair sob a auspícios da Acad. de Ciências de Portugal

- M'imeu e 2' entred. à droit. de G'émis P. Occident
 Limitation à la vie bienheureuse - Paris 1944
 de l'orientation de l'homme " 1942
 de la détermination du savoir " 1938

= Bibliographie avec Fichte =

- N. Hartmann - A filosofia do idealismo alemão
 R. Kroner - Von Kant bis Hegel
 Delbos - De Kant aux post-Kantien
 X. Léon - Fichte et son temps 3 vol. 1954-59
 * X. Léon - La phil. de Fichte, 1902.
 M. Gerault - L'orientation e la structure de la
partie de la science chez Fichte 2 vol.
 1930
 Mari'chal - Le point de départ. - vol. IV
de système idéaliste chez K. e chez les
post Kantien.
 L. Pareyson - Fichte 1950
 H. Heimonseth - Fichte phil. rev. Occident
 F. Coplenton - Hist. de K. vol. 7°
 A. Rivaud - Hist. de la philosophie tom V 1^{re} part

Vida e obra - Johann Gottlieb Fichte nasceu em 1762 em Rammenau, na Saxónia. Sua família, ardentemente luterana, era pobre (seu pai era secretário). O pastor local já tinha notado nele grande inteligência e grande memória e começou a instruí-lo. Um dia, um nobre da região, o barão Von Miltitz chegou muito atrozado ao serviço domínial, perdendo o domínio e é o pequeno Fichte que lhe repetiu quase palavra por palavra, segundo refere a tradição. Von Miltitz admirado resolveu encaminhá-lo de educação de Fichte, enviando-o para a famosa escola de Pforta (mais tarde frequentada por Nietzsche). Mais tarde iniciou os seus estudos de teologia na Universidade de Jena, Wittenberg e Leipzig.

Na escola de Pforta tomou contacto com livros interditos de Lessing e Klopstock. Inicia a leitura de Wolff e para suportar o determinismo destes autores, um dia resolveu ler a Ética de Espinosa e o Tratado Teológico-político. Espinosa, apesar de diversamente interpretado mais tarde, foi um filósofo sempre lido em conta por Fichte.

O seu professor morre entretanto e Fichte não
 pode receber entretanto da família. Contudo dedica-se
 p.^o Jena e inicia os estudos teológicos, embora as
 leituras de Espinosa lhe tenham abalado a fé religiosa.
 Para a Estúdios e a dedicou-se à filosofia. Em 1784
 exausto de recursos vê-se obrigado a abandonar Jena
 e procurar um posto eclesiástico que não consegue.
 Em desespero de causa procura um lugar de professor,
 e em 1785 entra como professor dos filhos de
 uma família em Zúrique. Ai é bem recebido pelo
 círculo de pensos cultos que se reunem em casa
 da família em q. foi recebido. Entre eles conta-se
 Lavater (fisiognomia), ^{Ai é Rousseau, Montaigne e outros. Rev. Francesa.} Fichte conhece em particular
 entre os outros figuras um romancista, seu discípulo
 e recusando auxilio financeiro de sua noiva, filha
 de um banqueiro Rahm de Zúrique, vai para Leipzig
 onde vive pobremente, dando lições e corrigindo alguns
 pontos da noite à leitura e à meditação. Por acaso,
 aparece-lhe um dia a sua noiva. Um jovem
 pede-lhe lições sobre a filosofia de Kant. Estuda,

metafizicizării emoționale din anul 1^{er} lui K.

În sine opinia a lui K. despre - un a cămin
 de lae a religio, unu o probl. de determinism
 e din liberal. În 1891 vlti a Znicu, mas o pri
 de s/ miva emontu- u na unte'ia; o den bunu ota'
 un h'pideru. Fichte nuo herita; ota o carmentu
 e nari, como pceptu p. cono do conu Platin un
 Vauvoria. Nao impota a vici un Polonia e vari
 a Ko'ingberg vitan K. Cono carpan a heretolimia
 derti erere a pessa, no mai pnu exto kembiu,
 unu lui K. de lae a viciu. K. recomen a ota
 as un caru e uniu na Polona de 1792 opaua
 a ota unu nouu do onto. Julu- u e nra de pene
 de K.; erti conu unu opinia e Fichte pira pmanu
 de 1 ota pnu o onto.

În Kemptz, onu otaem ligu de pceptu erere
 "Considera'iu de h'voda a conu o juzu do p'bilu vtu
 a viciu, francu" (1793) a unu trouxe formu de
 pceptu demontu e jantiu.

De volta a Zurique casa finalmente e pela
 influência de Goethe, já conhecido o seu talento Fichte
 obtém uma cátedra de filosofia na Universidade
 de Jena (1794). Além dos cursos académicos, deu
 ainda Fichte uma série de conferências sobre a
 dignidade do homem e sobre a missão do sábio.
 Toda a sua vida deu Fichte alguma coisa de missão
 nobre e de vadio.

Em Jena começa a apresentar a si filosofia
 própria e designa por Wissenschaftslehre (Doutrina
 da ciência); ao longo da sua vida vai apresentando
 diversas versões dessa obra. Em 1794 Grundlage der
gesamten Wissenschaftslehre (Fundamentos de toda a teoria
 da ciência) e nessa obra quem transp. a análise
 heidegger num sistema filosófico derivado de um
 princípio fundamental. A teoria da ciência é
 concebida como uma exposição do desenvolvimento sis-
 temático de um último princípio das proposições
 fundamentais que são a base das ciências particulares

ou dos conteúdos q' conduzem ao conhecimento.
 Por isso a ~~estrutura~~ da ciência não é só gnoseológica,
 mas metapsíquica; denota o desenvolvimento do pensamento
~~de todo~~
 interior.

Fichte não se concentra apenas nas declarações teóricas
 da consciência. O desenvolvimento da consciência
 possui uma finalidade moral: publica em 1796
Grundgesetze des Naturrechts (Fundamentos do Direito natural)
 e em 1798 Das System der Sittenlehre (O sistema
 da doutrina da ética), todas estas obras tratam
 "segundo os princípios da doutrina da ciência". Neben se
 parece o verdadeiro aspecto da Pt. de Fichte: um siste-
 ma de idealismo ético.

Fichte expôs-se ao fogo da vida por tomar mais
 claros a ideia e os princípios da teoria da ciência
 1797 e introduz à Doutr. da Ciência. Em 1801. Sonderlehre
Bericht über die neue Philosophie (Exposição dessa coisa o sul
 da nova filosofia) e em 1810 Die Wissenschaftslehre in
ihrem allgemeinen Urriße (A doutrina da ciência nos
 seus limites fundamentais).

Em 1799 a carreira universitária em Jena

e' u' lentamente interrompida. Fichte pretendia
 informar as Corporações de Intelectuais e para isso
 fez um conferência aos domingos gratuitamente à
 hora do serviço religioso o q' tornou certa moral entre
 os Universitários. Para o motivo da ruptura foi a
 publicação de um ensaio intitulado "Sobre o funda-
 mento das novas universidades alemãs do mundo",
 assinavam-no de anonimato. Porém q' Fichte identificou
 nos q' o mesmo moral do mundo, criada e mantida
 pela vontade humana, com o juízo de Deus. Fichte
 defendeu a independência; criticou a clausura política
 que o autorismo q' chegou ao ponto; Fichte esperou
 da q' abrogaria foi reunido a terra de autonomia geral
 e se para Berlin.

Os 13 últimos anos de Fichte desde 1800 são
 conhecidos quase todos em Berlin. Entre 1805 a 1806
 e' professor na pequena universidade prussiana de
 Erlangen, mas de duas conferências em Berlin que
 as Constituições de e' para contemporâneas em q' representou
 a época actual como um período de desenvolvimento
 do homem para o fim da história. A história e' p. 5

Fichte a grande admiradora de Hegel as vezes, harmoniza com a literatura, de acordo com a razão.

No inverno de 1805 deu outra série de conferências em Berlim sobre Die Anweisung zum seligen Leben

O conteúdo para a vida bem sucedida, é digna de

tradicional vivagem no pensamento de Fichte acerca da religião. Falar-nos, mesmo do eu e sublinhar-nos

o absoluto e a vida de Deus. Foi, mais tarde

Schelling a exigir a renúncia de religião, por haver

necessidade de se libertar sobre o absoluto devido

à interpretação na Teoria da Ciência, sem apelar-se a estes elementos inconspicuos.

Em 1806 Napoleão invade a Prússia e Fichte oferece-se a acompanhar o exército prussiano, como professor e se foi aceite.

Em 1807 sob o império, Napoleão não permite os famosos discursos à nação alemã de carácter essencialmente nacionalista e se muitos consideravam o rei do seu povo ferocissimo

Em 1810 ao fundarem a Univ. de Berlim foi

o aos primeiros reitor.

Os pontos da Declaração de 1812 começaram a atravessar a Prússia os eleitores do Grand Elector de Prússia, assim da Prússia. A Prússia aderiu pouco a França. Assim como a ser expulso de suas propriedades e direitos. As experiências também. A maioria de Prússia também com o tempo voluntária e com o tipo mais relevante. Prússia, porém, com o tempo foi muito mais em 1813 principalmente de 1814.

Então há certos os princípios de um de um de 14 dos idealistas alemães. Após pela primeira foi a comunidade essencial dos personagens de Prússia. É o mesmo certo que muitos reconhecer o conhecimento. dos uns pontos particularmente a fim. É Kant de um ser certo se pode compreender e de um modo comum. l'homme l'œuvre de Kant é pelo 1/11 não se pode compreender aquela ideia por